

A história da contação de histórias

Michael Lockett, de *The Basics of Storytelling* (2007).

Tradução: Paulo Bocca Nunes

A contação de histórias existe há milhares de anos. No entanto, a maioria dos contadores de histórias não conhece muito da história de como as contações começaram. Enquanto conversava com seu público, principalmente bibliotecários e contadores de histórias de bibliotecas, Ruth Sawyer disse: “Não conheço nenhum outro grupo de artistas, sejam eles pintores, arquitetos ou compositores, que não tenham passado por seus próprios passados, interessados em reunir tudo o que tinham influenciado sua arte”. Ela escreveu: “Eu encontrei muito poucos contadores de histórias neste país (EUA) que olharam para além da mão que compilou ou escreveu sua coleção favorita de histórias para eles”. (*The Way of the Storyteller*, 1945).

Estamos aprendendo nos últimos anos quão longe está a contação de histórias. A descoberta por um grupo de crianças nas montanhas dos Pireneus, em 1940, chamou a atenção para desenhos de animais extintos nas cavernas de Lascaux. Mais de 2000 figuras (principalmente animais) foram pintadas por alguns povos primitivos. Enquanto muitos animais nas pinturas não podem ser identificados, mais de 900 animais que aparecem nos desenhos podem ser reconhecidos, incluindo cervos, gado, bisontes, pássaros, ursos e até mesmo um rinoceronte. Além disso, o desenho de um humano aparece nas paredes da caverna. Cientistas e folcloristas que revisaram essas pinturas dizem que uma composição em particular tem todos os elementos de uma narrativa (uma história) nela. A datação por carbono coloca os desenhos em algum lugar entre 15.000 e 13.000 a.C. Acredita-se que a caverna foi usada para a realização de caça e rituais mágicos. Seja qual for o seu propósito, serve como prova de que histórias e histórias já existem há muito tempo!

Evidências históricas de histórias primitivas vêm da antiga Mesopotâmia. As histórias eram sobre o épico de Gilgamesh, um rei sumério que teria vivido cerca de 3000 a.C. As histórias de Gilgamesh foram transmitidas oralmente e provavelmente passaram por muitas versões até que a história foi impressa em argila e queimada em cerca de 700 a.C. Histórias de Gilgamesh também foram relatadas para serem esculpidas em pilares de pedra onde todos pudessem lê-las. Eu também tenho que acreditar que as pessoas também contaram os contos, mantendo histórias vivas na antiga Mesopotâmia. Pode ser interessante para aqueles que estão familiarizados com as histórias do Antigo Testamento na Bíblia que as histórias de Gilgamesh incluíram uma história de criação em um jardim muito

Texto original: History of Storytelling

Autor: Dr. Michael Lockett (2007).

Acesso em 5 de dezembro de 2017.

Disponível em (Infelizmente não está mais disponível na internet, porém temos o texto original)

Acesso em 29 de outubro de 2016.

Tradução: Paulo Bocca Nunes

(escritor, contador de histórias, professor de Língua Portuguesa, Mestre em Letras Cultura e Regionalidade.

Mais informações em www.pauloboccanunes.com).

OBSERVAÇÕES

1. O texto foi encontrado na internet e traduzido sem fins lucrativos.
2. O único objetivo de traduzir o texto é disponibilizá-lo em língua portuguesa e, dessa forma, compartilhar o conhecimento sobre o tema ou assunto para pessoas que tenham interesse.
3. Os Artigos Traduzidos não fazem parte de uma revista eletrônica, nem possui ISBN. Trata-se apenas de uma forma de identificar o seu objeto de texto.
4. A autoria do texto original, em inglês ou espanhol, será preservada bem como a identificação do site em que foi encontrado o texto.
5. Não nos responsabilizamos caso o artigo original ficar indisponível no endereço eletrônico que indicamos. Essa possibilidade pode ocorrer e isso foge da nossa competência.
6. Buscou-se fazer uma tradução a mais próxima possível do texto original, sem fazer adaptações.
7. Quando houver necessidade de esclarecimentos em alguma parte do texto, haverá anotações de rodapé com a observação (N.T.), creditada ao tradutor.
8. Solicita-se que, caso for usado este artigo para qualquer fim, sejam feitas as referências ao autor do texto original, o título original, bem como ao tradutor e o endereço eletrônico em que estará disponibilizado tanto o texto original quanto o texto traduzido.

ESCLARECIMENTO DE TRADUÇÃO

1. Optamos por traduzir a palavra "storytelling" para "contação de histórias" para sugerir a ideia de contar uma história usando palavras faladas de forma performática, ou em caso de contar através de linguagem de sinais ao vivo que por si só já é performática. Também pelo fato de nos referirmos a "contador(a) de histórias" (storyteller) como aquela pessoa que se dedica à "contação de histórias".
2. Em alguns textos, há expressões que traduzidas ficam: "narrativas orais", "narradores orais", "tradições orais" ou qualquer outra expressão que esteja relacionada a esse tema. A tradução será de acordo com o contexto.

parecido com o descrito no livro de Gênesis e até mesmo uma história de dilúvio - ambos antecedendo o tempo quando o Antigo Testamento foi escrito.

Um dos mais antigos registros sobreviventes de contação de histórias foi escrito no Papiro Westcar dos egípcios. Através de registros egípcios antigos, sabemos que três filhos de Khufu (Quéops), o grande construtor da Pirâmide, entretinham seu pai com histórias. Acredita-se geralmente que isso ocorreu em algum momento entre 2000 e 1300 a.C. Os escritos mostram que um filho contou um conto de magia, outro dos feitos dos antepassados de Khufu e outro contou uma história contemporânea. Essa é uma prova de que a contação de histórias existia naquela época. Ele apoia a crença de que a contação de histórias era usada tanto para entretenimento quanto para comunicação e fins religiosos.

Sabemos que a contação de histórias foi predominante na história africana também. Embora os gregos reivindicam as histórias de Esopo como suas, acredita-se que Esopo originalmente veio do Egito, Etiópia ou alguma outra área no norte da África ou uma das ilhas perto da África no Mar Mediterrâneo. Esopo era um escravo que era mais conhecido por contar histórias e fábulas que foram passadas através de gerações e por criar fábulas de sua autoria que viveram até os tempos modernos. Enquanto Esopo foi relatado para ter vivido cerca de 550 a.C., suas histórias não foram escritas até 300-250 a.C.

Contar histórias ajudou os adultos a transmitir sabedoria, conhecimento e cultura através das gerações, antes de serem finalmente impressos em forma escrita. Um bom exemplo da passagem de histórias pelas gerações pode ser mostrado pelos épicos de Homero. Originalmente contada por Homero por volta de 1200 a.C. – as histórias foram passadas até cerca de 700 a.C., quando os antigos gregos desenvolveram sua linguagem escrita. Isso serve como prova de que as histórias continuam a se repetir. Contadores de histórias modernos ainda contam as histórias de Homero sobre a Ilíada e a Odisseia.

O mesmo padrão pode ser visto na China e na Índia, onde histórias antigas apareceram em forma escrita anos depois de terem sido originalmente criadas. “Contar histórias foi uma das muitas artes dos Yu, os artistas das cortes feudais, durante a Dinastia Zhou” (1122-256 aC). (Tradição Oral de Yangzhou Storytelling, 1996). Isso foi documentado em fontes que ligam contação de histórias na China antes da dinastia Han (206 a.C. – 220). Achei interessante aprender que os contadores de histórias costumavam se apresentar no mercado ou no bazar. Uma fonte afirmou que os artistas de Pingtan dependiam de suas bocas para comer, o que significa que eles foram pagos por suas histórias. Ao contar épicos budistas na China e no sudeste da Ásia, suas contações de histórias incluíam *pinghua* (contação de histórias ou narração sem música) e *tanci*¹ (narração com música). As histórias eram frequentemente contadas em passagens narrativas com intervalos de música, humor e poesia. Antigamente, uma história podia demorar até três meses para contar – com uma sessão de uma vez por dia.

Shadowplays (contação de histórias com o uso de bonecos de papel) na Índia tem sido baseado em histórias de épicos hindus sobre o deus Rama. As histórias favoritas foram incluídas no Ramayana, que foi escrito pela primeira vez em sânscrito por volta de 1500 a.C. A história épica foi baseada em uma série de cerca de 25.000 dísticos creditados ao *Indian Poet Valmiki* por volta de 1500 a.C., que foram transformados em forma de história por artistas. Contadores de histórias disseram ao Ramayana por todo o sudeste da Ásia. Mais relevante para os contadores de histórias modernos são os contos do Panchatantra, uma coleção de cinco livros cheios de histórias que foram escritas e contadas por Vishnu Sarma como por volta de 300 aC. As histórias do Panchatantra são fábulas de animais contadas em forma de narrativa e poesia. Essas histórias foram relatadas como tendo sido escritas para educar os três filhos de um brâmane sobre como lidar com as pessoas na vida. Cada história tem uma moral e um tema que tratam de temas como amor e ódio, compaixão e sagacidade, coragem altruísta e covardia básica, generosidade e maldade e muito mais.

Contar histórias teve um papel importante nas Américas. Como todas as partes do mundo, a América tinha suas histórias de criação, histórias de inundação, histórias de feitos heroicos e todos os tipos de sacrifícios. Registros da maioria das histórias nas Américas foram considerados pagãos por padres jesuítas que chegaram ao que era frequentemente chamado de “Novo Mundo”. Em seus esforços para converter os nativos da América

¹ *tanci* é uma forma literária que alterna trechos em prosa com poesia em um estilo conhecido por *sung*.

Central e do Sul ao cristianismo, padres queimaram todos os documentos perecíveis e quebrou as pedras que gravaram outras histórias. Apesar disso, a contação de histórias norte-americanas foi preservada através de histórias orais contadas em pow-wows e em fogueiras. O contador de histórias ainda ocupa um lugar importante na cultura dos nativos americanos.

Eu adaptei uma história de 763 a.C. que foi recontada em *Religious Education through Storytelling*² (Cather, 1925) para resumir por que a contação de histórias tem sido importante ao longo da história e por que ela deve permanecer importante no futuro. Eu chamo o conto, “O presente de histórias – O califa de Bagdá”, como não tinha nome em sua forma original. Eu contei essa história para professores e pais, e agora apresento a todos que desejam aprender a contar histórias lendo este livro.

O presente das histórias – O califa de Bagdad

Como recontado pelo Dr. Mike Lockett, The Normal Storyteller

Muitos séculos atrás, um banquete foi realizado no palácio do califa de Bagdá para celebrar o nascimento de um novo filho. Como era de costume, líderes e homens de alta posição vinham de toda a terra para presentear e aproveitar a festa oferecida pelo califa. Cada um trouxe um presente caro, exceto por um sábio muito sábio chamado Mehelled Abi. Abi chegou ao banquete de mãos vazias.

Cada convidado desfilou em elegância diante do califa para apresentar seu presente. Roupas finas, joias e ouro foram dados em abundância. À medida que cada presente era recebido com um sorriso do califa, os doadores se viravam e franziam a testa enquanto observavam o sábio parado no final da fila sem nenhum presente para presentear.

“Ele não tem nenhum presente para dar”, começaram a sussurrar entre si. “Ele não tem presente para dar o novo príncipe”.

Por fim, o sábio chegou diante do califa e a sala ficou em silêncio, enquanto todos desejavam ouvir que palavras ele compartilhava com o governante. “Vestimentas finas, joias e ouro que o príncipe recebeu, e que ele seja abençoado por muitos outros presentes à medida que for crescendo. Mas, eu trago o presente mais precioso de todos. Eu trago o presente de ‘Histórias’”. O riso irrompeu no quarto até que o califa ergueu a mão para silenciar todo mundo e deixar o sábio continuar.

“Desde que seu filho seja capaz de entender minhas palavras”, disse o sábio, “eu vou ao palácio todos os dias e lhe contarei histórias. As histórias que contarei a ele, verdadeiras e fantasiosas, farão com que ele seja sábio e justo ao crescer em sabedoria através de minhas palavras. Quando o dia chegar, meu califa, que você não possa mais governar, seu filho se sentará acima de seu povo como seu chefe. Ele será justo e misericordioso, e toda a Arábia se regozijará em sua liderança”.

Mehelled Abi manteve sua palavra. A partir do momento em que o jovem príncipe falava e entendia as palavras, a criança, que se chamava Haroun-al-Rashid, era ensinada diariamente pelo velho sábio e contava histórias de todo o mundo – histórias verdadeiras e fantasiosas. Ele aprendeu de sábios e tolos; da ciência e da natureza. Ele aprendeu sobre todas as religiões do mundo e muito mais. Quando chegou a hora de ele governar como califa, ele ampliou as fronteiras de seu império do Império Bizantino no Ocidente para a China no Oriente. Ele governou com sabedoria como poucos outros homens possuíam.

*Haroun (chamado Aaron pelos ocidentais) ainda é conhecido como “Aaron, o correto”, “Aaron o Justo” e “Aaron o Guiado Corretamente”. Bagdad cresceu no poder. Arte e música floresceram, assim como a arte de contar histórias. Alguns dizem que o livro *As Mil e Uma Noites* foi estimulado pelo governo deste califa – tudo por causa do dom de histórias.*

Um dos melhores presentes que a história nos deu é nos ensinar que contar histórias é importante. As crianças são abençoadas quando reservamos tempo para contar histórias, começando assim que nascem e, certamente, não mais tarde do que quando tiverem idade suficiente para entender a palavra falada. As histórias podem, de fato, tornar nosso mundo um lugar melhor para se viver. Que o mundo se torne um lugar melhor por causa do dom das histórias que você conta para jovens e velhos!

² *A Educação Religiosa Através da Contação de Histórias*. [Tradução do autor].